

DOM WASHINGTON CRUZ
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

DIA DO SENHOR
A FESTA DO REINO
Caminhos Pastorais

Goiânia, GO 2005

Aos irmãos e irmãs,

1. Damos início nestes dias ao Tempo da Quaresma, que vai da Quarta-feira de Cinzas até a Missa da Ceia do Senhor, quando se abre o Tríduo Pascal. É um tempo de conversão, quando somos chamados a reafirmar nossa crença no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e a viver em consequência disso. É com esse desejo de conversão que me dirijo a cada um e a todos em nossa Arquidiocese de Goiânia, com esta nova Carta da série *Caminhos Pastorais*, na qual venho buscando o diálogo com as pessoas e as comunidades que compõem esta nossa Igreja Particular.
2. Desejando que todos possamos viver em plenitude este tempo de reflexão e de misericórdia, vivendo a rica liturgia quaresmal e as práticas devocionais de penitência, inseridas na vida do povo ao longo da história, exorto a todos no sentido de que experimentemos também a riqueza da Campanha da Fraternidade, proposta para este período pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB, que agora se realiza numa ação ecumênica coordenada pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil/CONIC. Unamo-nos a nossos irmãos e irmãs de outras denominações cristãs nessa experiência de fraternidade que, pela segunda vez, ocorre no Brasil. Neste ano, a Igreja Católica, partilhando com as demais Igrejas Cristãs a Campanha da Fraternidade que realiza desde 1964, nos propõe o tema *Solidariedade e Paz*.

DIA DO SENHOR

3. Nesse espírito de conversão e de fraternidade, gostaria de continuar a reflexão sobre a Eucaristia, iniciada na *carta* anterior, motivada pela proclamação do *Ano da Eucaristia* feita pelo Santo Padre, João Paulo II. Em meio a tantos aspectos de nossa vida relacionados com a Celebração Eucarística, procurarei agora refletir sobre o Domingo, o Dia do Senhor, do qual ela própria, a Eucaristia, é o centro para todos nós, seguidores de Jesus de Cristo. Nessa reflexão indicarei, em espírito de liberdade e na fé, algumas considerações sobre os desdobramentos espirituais que a celebração do mistério que santifica particularmente uma jornada da semana nos convoca a reconhecer a santidade de todos os dias de nossa vida.
4. O Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, recomendando que nesse dia os cristãos devem se reunir para ouvir a palavra de Deus e participar da Eucaristia, recordando a Paixão, Ressurreição e Glória de Jesus, afirma que “*o domingo é um dia de festa primordial que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis, de modo que seja também um dia de alegria e descanso do trabalho*”¹. Essa compreensão do Domingo deve ser buscada com muito empenho no tempo em que vivemos, quando na vida urbana se vai pouco a pouco perdendo o sentido de festa, alegria e descanso do trabalho que deve caracterizar o Dia do Senhor.

DIA DE ORAÇÃO

5. O ponto de partida para essa busca e o reencontro com o significado do sentido do Domingo é a celebração eucarística, do qual ela deve ser o centro. De fato, o Dia do Senhor celebrado pelo povo da Nova Aliança é a memória da Páscoa e Ressurreição de Jesus Cristo que assim, na Eucaristia, cumpre sua promessa de estar conosco até o fim dos tempos. A Mesa Eucarística é, portanto, o ponto central desse dia de festa, alegria e descanso.

1 - SC, 106.

6. Motivos os mais diversos, acumulados ao longo dos tempos, trazidos pela modernidade, pelas mudanças econômicas e sociais, pelo egoísmo e pelas injustiças e tantos outros fenômenos, têm provocado nas comunidades e nas famílias uma espécie de dispersão, uma falta de tempo para os outros, um certo distanciamento entre as pessoas. Por certo, cada cristão, cada pai, cada mãe, cada jovem gostaria de encontrar um meio que tornasse a vida em comum mais comunicativa, mais alegre, tanto no ambiente familiar, quanto no comunitário e social.
7. Estou seguro de que esse caminho passa por um reencontro com uma vida cristã mais autêntica. A fraternidade que temos como filhos de Deus há de se revelar por meio do encontro com Jesus Cristo, vindo ao mundo precisamente para nos revelar esse caminho de salvação e a misericórdia do Pai.
8. Em sua sabedoria Deus nos concedeu esse dia para que nele, cumpridas as tarefas de nossos trabalhos durante a semana, nos encontremos todos em torno de sua Mesa, escutando sua Palavra e nos alimentando com Ele próprio, no Pão Eucarístico. Esse encontro, já afirmei, é o centro do Dia do Senhor, ápice da Alegria e da Festa de que nos fala o Concílio Vaticano II. Para ele devemos nos preparar com o sacramento da Penitência, mas também com um esforço vivido ao longo da semana de sermos testemunhas de Seu Amor em nossos ambientes de família e de trabalho.

DIA DE ALEGRIA

9. A Alegria decorre também da presença de Jesus entre nós, nos momentos em que estivermos reunidos em seu nome, amando-nos uns aos outros como ele prescreveu: *“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei”*² Essa presença prometida por Jesus se realiza sempre, se nós a construirmos com um amor sem medidas uns pelos outros, e o domingo é um dia propício para experimentá-la pela oportunidade que temos de nos encontrar uns com os outros.
10. Refletindo sobre essa Alegria nascida do amor recíproco, essa Festa que é a presença de Jesus em meio a nós, voltou a minha lembrança o tempo em que mais facilmente as famílias podiam se reunir à mesa, partilhar a mesma ceia, pais, mães, filhos, irmãos e avós tinham mais oportunidades de conversarem uns com os outros. Seria ilusão pensar que ali não havia dificuldades a serem superadas, mas certamente a oportunidade de diálogo surgia mais facilmente.
11. Pensando no domingo como hoje é vivido entre nós, desejei ardentemente que nossas famílias católicas se empenhassem na criação de oportunidades para que seus membros possam exercitar esse Amor Recíproco desejado por Jesus. Fazer do domingo um dia de encontro entre os familiares, possibilitando, nesse encontro, um momento em que juntos possam ir à Santa Missa, possam juntos fazer a refeição, brincarem, recordarem o passado, partilharem seus projetos, suas vidas, seus sonhos.

DIA DE COMUNHÃO

12. Desejei também que nossas paróquias e comunidades se tornassem a casa de todos, onde a Santa Missa do Domingo fosse também precedida de um momento de partilha de afetos, de interesse mútuo. Reconheço que já existe muito esforço nesse sentido, mas precisamos avançar. A paróquia deve se tornar a grande família, a grande comunidade. A família das famílias, a comunidade das comunidades.

2 - Jo - 15,12.

13. O peso do trabalho e a própria vida na metrópole levaram nossa sociedade a valorizar o fim-de-semana como oportunidade de descanso. É um justo e benéfico direito que as pessoas têm, o de buscar oportunidade para descansar o corpo e a mente. Para nós cristãos, entretanto, isto não é suficiente. Devemos unir esse descanso à celebração do Dia do Senhor, porque é nele que está nosso verdadeiro repouso. Ao prepararmos nosso programa de fim-de-semana devemos incluir nele um tempo para a vida em comunidade, a vida em família e a participação na celebração eucarística. Se nos deslocamos de nossa cidade para outra, devemos buscar nessa o local e o horário em que possamos, juntos com a comunidade local, participar da Santa Missa. Se nos deslocamos para um lugar onde isso não seja possível, reservemos um tempo para a oração e a escuta da Palavra, partilhando com os parentes ou amigos cristãos mais próximos esse momento dedicado ao Senhor.
14. Sobre essa necessidade de preparação do descanso de fim-de-semana com a preocupação de guardar o tempo para a celebração do Dia do Senhor, João Paulo II nos alerta de forma amorosa, paterna, clara e compreensiva: *“É com esta intensa convicção de fé, acompanhada pela consciência do patrimônio de valores, mesmo humanos, presentes na prática dominical, que, hoje, os cristãos devem olhar as solicitações de uma cultura que proveitosamente assumiu as exigências de repouso e tempo livre, mas vive-as amiúde de modo superficial e, às vezes, é seduzida por formas de divertimento moralmente discutíveis. O cristão condivide certamente com os outros homens o gozo do dia de descanso semanal; mas, ao mesmo tempo, tem viva consciência da novidade e originalidade do domingo, dia em que ele se sente chamado a celebrar sua salvação e a da humanidade inteira. Se o domingo é dia de alegria e descanso, isso resulta precisamente do fato de ser o ‘dia do Senhor’, o dia do Senhor ressuscitado”*³. Depuradas as práticas de repouso que aviltam a dignidade humana, portanto, todas as atividades do domingo são, para nós, como que caminhos para uma maior entrega à lúcida adesão aos irmãos, na transformação do coração, para renovar o acolhimento alegre de nossa salvação.

DIA DE LIBERTAÇÃO

15. A experiência de profunda intimidade no amor e na alegria que podemos realizar em comunidade a cada domingo ao participarmos da celebração eucarística nos fortalece para a renovação do compromisso de solidariedade com os pobres e abandonados: *“Recebendo o Pão da Vida, os discípulos de Cristo preparam-se para enfrentar, com a força do ressuscitado e do seu Espírito, as obrigações que os esperam na vida ordinária”*⁴. E nos tempos atuais, a vida do dia-a-dia tem sido um desafio permanente para a nossa consciência e para a nossa ação eclesial. O mais contundente e abrangente motivo de nossa preocupação tem sido o que se convencionou chamar de **“globalização”**. Ressalvando-se algumas evidentes realidades de progresso humano e social nesse fenômeno, algumas conseqüências dele são intrigantes pois, na verdade, quando *“a globalização é dirigida pelas puras leis do mercado aplicadas conforme a conveniência dos mais poderosos, as conseqüências só podem ser negativas. Tais são, por exemplo, a atribuição de um valor absoluto à economia, o desemprego, a diminuição e o deterioramento de alguns serviços públicos, a destruição do ambiente e da natureza, o aumento das diferenças entre ricos e pobres, a concorrência injusta que põe as nações pobres numa situação de inferioridade sempre mais acentuada”*⁵. Esse pano de fundo histórico atual de toda a América Latina torna opacos os projetos de economia solidária, de política participativa e contribui para o aumento significativo dos casos de abusos dos direitos fundamentais da pessoa humana, especialmente ilustrado pela assustadora estrutura carcerária no Brasil.

3 - Dies Domini, 82.

4 - Dies Domini, 45.

5 - Ecclesia in América, 20.

16. A Arquidiocese de Goiânia é formada por comunidades sistematicamente atingidas por essa exclusão globalizada: as famílias que vivem em bairros periféricos das cidades carecem de condições básicas de vida, aquelas que estão na chamada classe média sofrem os arcos de salários e uma minoria mínima continua a se beneficiar do propalado desenvolvimento. O inchaço urbano tem se perpetuado como resultado de políticas agrícolas equivocadas e uma estrutura agrária obsoleta e infame. Os programas sociais dos governos em todos os níveis que não conseguem responder satisfatoriamente a demanda entre os pobres e, especialmente, a ausência de uma infra-estrutura de transporte coletivo, saúde e educação públicas corroem a alegria de viver do nosso povo.
17. O **desemprego**, ainda não atenuado pelos programas do Estado brasileiro, continua a devastar a harmonia de vida em nossas famílias por toda parte. O combate a esse flagelo pode nos aproximar um pouco mais do cumprimento das exigências essenciais que reconhecemos presentes no encontro com o Senhor durante a festa da Eucaristia. Nossas comunidades precisam afervorarem-se, cada vez mais, no empenho pela conscientização política que leva à transformação dessa realidade de desamparo social representada por uma economia que retira dos mais fracos até mesmo o direito de trabalhar para obter o próprio sustento.
18. A **corrupção** que atinge as esferas do exercício nos mandatos públicos de nossas cidades também se torna, de forma grave, um desafio para a nossa consciência de seguidores do Cristo que se alimentam da mesa eucarística aos domingos e em outros dias da semana. A desonestidade no cuidado com o bem público tem se manifestado de forma regular, desgastando a credibilidade das instituições e enchendo de lama as reputações de pessoas que se apresentam ao povo como arautos da moralidade. Temos um compromisso claro nesse campo: *“A Igreja pode contribuir eficazmente a extirpar este mal da sociedade civil com uma maior presença de leigos cristãos qualificados que, pela sua educação familiar, escolar e paroquial, promovam a prática de valores como a verdade, a honestidade, a laboriosidade e o serviço do bem comum”*⁶.
19. Aos escândalos públicos, infelizmente, se alia a tragédia das **drogas** em nossos ambientes comunitários e ganha particularmente expressão durante as comemorações suspeitas e plenas de excessos promovidas por ocasião dos dias de descanso. Até mesmo o Dia do Senhor tem sofrido a blasfema opressão do sistema das drogas que inclui produção, distribuição e consumo de substâncias químicas que destroem o caráter, mancham a sobriedade e consomem as energias mais nobres de nossa gente. As drogas consideradas lícitas e aquelas que circulam pela força do tráfico aniquilam nossos jovens, golpeiam pais e mães de família e, covardemente, arrancam os sonhos de um mundo melhor embalados no coração daqueles que têm fé.
20. A mesa da Eucaristia nos convoca, no Dia do Senhor, a um renovado esforço para dar cabo às investidas que chegam cotidianamente sobre nossas comunidades e representam a **cultura da morte**. A palavra de João Paulo II tem sido insistente, durante todo o seu pontificado, em recordar a tarefa que nos cabe de *“defender, com todos os meios legais, a vida e a tutelar o nascituro, o doente incurável e os inválidos”*⁷. Nesse contexto, peço, encarecidamente, que cada cristão e todas as comunidades permaneçam em constante vigilância diante de uma crescente movimentação que se verifica em certos setores da comunicação social e pretende subvalorizar a delicadeza dessas situações incutindo soluções imediatas e inadequadas.

6 - Ecclesia in América, 60.

7 - Ecclesia in América, 63.

21. A Eucaristia, centro irradiador de sentido do Dia do Senhor, nos aponta para uma contundente renovação de nosso compromisso com a libertação de todas essas situações de dor que tanto afligem as nossas comunidades. Lembra-nos João Paulo II que *“não é por acaso que, no Evangelho de João, se encontra, não a narração da instituição eucarística, mas a do ‘lava-pés’ (cf. Jo 13,1-20): inclinando-se a lavar os pés dos seus discípulos, Jesus explica de forma inequívoca o sentido da Eucaristia. S. Paulo, por sua vez, reafirma vigorosamente que não é lícita uma celebração eucarística onde não resplandeça a caridade testemunhada pela partilha concreta”*⁸.

DIA DE SOLIDARIEDADE E DE PAZ

22. A Campanha da Fraternidade que alimenta as iniciativas concretas de oração e ação nesta Quaresma nos traz a possibilidade de recordar, no Dia do Senhor, a escola de paz e solidariedade que se realiza em torno da celebração sacramental do mistério da Páscoa: *“O cristão, que participa na Eucaristia, dela aprende a tornar-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida. A imagem lacerada do nosso mundo, que começou o novo milênio com o espectro do terrorismo e a tragédia da guerra, desafia ainda mais fortemente os cristãos a viverem a Eucaristia como uma grande escola de paz, onde se formem homens e mulheres que, em vários níveis de responsabilidade na vida social, cultural, política, se fazem tecedores de diálogo e de comunhão”*⁹.
23. A mensagem do Dia Mundial da Paz dirigida por João Paulo II no início deste ano já nos deixou a todos em atitude de reverente atenção para perceber qual é o caminho solidário que nos levará ao estabelecimento da paz verdadeira: *“Neste ano dedicado à Eucaristia, os filhos da Igreja encontrem no supremo Sacramento do amor a fonte de toda a comunhão: comunhão com Jesus Redentor e, n’Ele, com todo o ser humano. É graças à morte e ressurreição de Cristo, tornadas sacramentalmente presentes em cada Celebração Eucarística, que somos salvos do mal e capazes de fazer o bem. Graças à vida nova que Ele nos deu, podemos reconhecer-nos irmãos para além de toda a diferença de língua, nacionalidade, cultura. Numa palavra, é graças à participação do mesmo Pão e do mesmo Cálice que podemos sentir-nos ‘família de Deus’ e, juntos, contribuir específica e eficazmente para a edificação de um mundo baseado nos valores da justiça, da liberdade e da paz”*¹⁰.
24. O lema inspirador da Campanha da Fraternidade Ecumênica nos traz a bem-aventurança *“Felizes os que promovem a paz”*. No bojo desse tempo de evangelização convém acolher os mandamentos de uma paz solidária por meio de atitudes que recomendo a todas as pessoas e comunidades da Arquidiocese: *“Saber colocar-se no lugar do outro; Não responder à violência com violência; Promover o diálogo; Interessar-se pela comunidade; Descobrir e valorizar o que há de positivo nas pessoas; Fazer parceria, juntar forças; Cuidar das causas dos problemas; Conhecer e usar os recursos legais; Não ficar em silêncio diante da injustiça; e Cultivar a espiritualidade da esperança e da reconciliação”*¹¹. Essas advertências fraternas emanadas do coração de um esforço pastoral ecumênico simbolizam bem o caminho a ser trilhado por todos nós que, no Dia do Senhor, nos alimentamos com o Pão do céu e queremos, sinceramente, trabalhar na promoção da paz.

8 - Mane Nobiscum Domini, 28.

9 - Mane Nobiscum Domini, 27.

10 - Mensagem do Dia Mundial da Paz, 2005.

11 - CONIC, CF 2005, Mandamentos da Paz Solidária.

DIA DO REINO

25. O Domingo é o sinal sensível da graça do Reino de Deus. É como se pudéssemos participar de um grande e alegre ensaio das maravilhas do céu. A liturgia do Dia do Senhor nos introduz nessa experiência celeste. Desta maneira, é preciso vivenciar na Eucaristia e em todas as atividades desse dia a feliz expectativa da volta de Jesus e da realização definitiva do Reino. Essa vivência nos conservará pacientes, esperançosos vigilantes e ativos como nos apresenta a Carta de São Tiago: *“por isso, irmãos, tenham paciência até que o Senhor venha. Vejam como o lavrador espera com paciência que a sua terra dê colheitas preciosas. Ele espera pacientemente pelas chuvas do outono e da primavera. Vocês também precisam ter paciência. Não desanimem, pois o Senhor virá logo”*¹². João Paulo II nos mostra que podemos contar sempre, na fé, com a santíssima companhia do Espírito Santo nessa caminhada paciente rumo à morada definitiva: *“O Espírito está presente ininterruptamente em cada dia da Igreja, irrompendo, imprevisível e generoso, com a riqueza dos seus dons; mas na assembléia dominical congregada para a celebração semanal da Páscoa, a Igreja coloca-se especialmente à escuta dele e com Ele tende para o Cristo, no desejo ardente do seu regresso glorioso”*¹³.
26. Com essa compreensão do Domingo, exorto todos os fiéis e todas as comunidades de nossa Arquidiocese a fazerem durante essa Quaresma uma forte reflexão sobre este tema tão importante para a preservação de nossa fé. Que a partir dessa reflexão mais ainda nos compenentremos do significado do *Ano da Eucaristia*, que já estamos celebrando. Que a Eucaristia presente no centro de cada domingo nos ajude a fortalecer nossa vida em comunidade e assim possamos dar ao mundo o testemunho de nossa vida de irmãos, meio pelo qual tantos outros poderão realizar seu desejo: *“Queremos ver Jesus”*.
27. O domingo tem um valor de testemunho e de anúncio, como nos diz ainda João Paulo II: *“Dia de oração, de comunhão, de alegria, ele repercute na sociedade, irradiando sobre ela energias de vida e motivos de esperança. (...) O domingo é convite a olhar para diante, é o dia em que a comunidade cristã eleva a Cristo seu grito: ‘Maranatha: Vinde Senhor’ (1Cor 16,22). Com este grito de esperança e expectativa, ela faz-se companheira e sustentáculo da esperança dos homens”*¹⁴.
28. O Santo Padre, finalmente, acena de forma carinhosa a Maria e, assim, nos oferece uma conclusão para o esforço que fizemos no sentido de deixar que penetre em nosso coração uma particular meditação, neste Ano da Eucaristia, sobre o Dia do Senhor: *“Para a Virgem Maria, olham os fiéis que escutam a Palavra proclamada na assembléia dominical, aprendendo com Ela a conservá-la e meditá-la no seu coração (cf. Lc 2,19). Com Maria, aprendem a estar ao pé da cruz, para oferecer ao Pai o sacrifício de Cristo e associar ao mesmo a oferta da própria vida. Com Maria, vivem a alegria da ressurreição, fazendo suas as palavras do Magnificat que cantam o dom inexaurível da misericórdia divina no fluxo inexorável do tempo: ‘A sua misericórdia estende-se de geração em geração sobre aqueles que O temem’ (Lc 1,50). Domingo a domingo, o povo peregrino segue o rasto de Maria, e a sua intercessão materna torna particularmente intensa e eficaz a oração que a Igreja eleva à Santíssima Trindade”*¹⁵.

12 - Tg 5,7-9.

13 - Dies Domini, 85.

14 - Dies Domini, 84.

15 - Dies Domini, 86

29. Desejo, assim, que a santa atitude da docilidade mariana nos eduque a todos para apreender e praticar todas essas dimensões importantes do Dia do Senhor e que, nessa pedagogia especial, possamos avançar na compreensão e na adoção do seu caminho de fidelidade. Agindo dessa maneira, vamos admitir que toda a vida merece ganhar um estilo dominical de conduta com participação freqüente e intensa na Eucaristia, com decididas ações de amor e misericórdia na alegria do Ressuscitado, com reunião feliz das famílias em torno dos valores perpétuos do diálogo e do divertimento sadio, com o uso dos recursos da cultura para a distensão do corpo, da mente no repouso merecido e com a reflexão do Evangelho no silêncio que a tudo restaura e vivifica.

Dom Washington Cruz

Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Goiânia, 02 de fevereiro de 2005,
Festa da Apresentação do Senhor.